

# Especial



Vice-Reitoria  
para Assuntos  
Comunitários  
Projeto Comunicar  
Junho 2014

Homenagem à canonização de José de Anchieta

*preferida E purifiquei com água a sedeira espiritual*



---

# Editorial

## Anchieta, o mediador da paz

São José de Anchieta foi santo antes de ser. Em sua vida exemplar, dedicada ao outro diferente dele, experimentou métodos educativos novos, piedade profunda, orações cotidianas originais, mediações e encontros de paz. Poeta, teatrólogo, linguista, botânico, artesão – ele fazia o próprio calçado para pisar o chão das selvas brasileiras com elementos da própria natureza – Anchieta, de corpo frágil e saúde precária, tornou-se um gigante espiritual da missão católica no Novo Mundo. Tal grandeza é testemunhada pela própria história e pelas obras que deixou como legado de sua passagem por terras brasileiras. Milagres os fez, sim, em vida. Evocá-lo é comovente e de uma religiosidade sublime.

Este número especial do Jornal de PUC é um pequeno tributo ao santo, agora canonizado pelo Papa Francisco, para o seu dia, no calendário dos Santos da Igreja, 9 de junho. Aqui o leitor vai encontrar um painel de algumas facetas do Apóstolo do Brasil, registros e interpretações de sua vida. Publicamos também pequenos trechos de seus textos, correspondências e poesia.

O Jornal da PUC une-se assim ao coro dos que reconhecem o exemplo de vida santa que José de Anchieta dedicou aos brasileiros e aos que ajudaram a fundar uma nação de profunda religiosidade como a nossa. Seu exemplo de mediador da paz é o caminho que as sociedades contemporâneas mais necessitam.

---

Prof. Miguel Pereira  
Coordenador-Geral do Projeto Comunicar

---

## Expediente

**Coordenador-Geral:** Prof. Miguel Pereira. **Coordenadora-Adjunta:** Prof.<sup>a</sup> Julia Cruz. **Coordenadora-Administrativa:** Rita Luquini. **Jornalista Responsável e Editora:** Prof.<sup>a</sup> Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora e Chefe de Reportagem:** Prof.<sup>a</sup> Adriana Ferreira. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Prof.<sup>a</sup> Mariana Eiras. **Fotografia:** Prof. Weiler Finamore Filho. **Ilustração:** Prof. Diogo Maduell. **Consultor:** Prof. Fernando Ferreira. **Colaboração:** Equipe da Assessoria de Imprensa da PUC-Rio. **Redação e Administração:** Rua Marquês de S. Vicente, 225, sala 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone:** 3527-1140. **E-mail - Redação:** impresso.comunicar@puc-rio.br. **Administração:** pcomunic@puc-rio.br.

---

# Índice



## Santidade revelada desde jovem

Padre César Augusto dos Santos organizou o processo de canonização do Apóstolo



## Academia Fé e Razão: Patrono da presidência

Anchieta é patrono da cadeira do presidente da Academia Fé e Razão, padre Aníbal Gil Lopes



## O nome de Anchieta por toda parte

O nome de Anchieta está em diversos espaços que vão além do campus Gávea da PUC

## Artigo

- 4 Anchieta, o filme
- 5 José de Anchieta: um ícone da evangelização
- 6 Anchieta, missionário também com a pena
- 7 Anchieta, a Companhia de Jesus e o Brasil
- 8 A Igreja no tempo de Anchieta
- 9 Anchieta, o Brasil e a função catequista do seu teatro

## 10 A colonização e Anchieta

- 11 José de Anchieta: o sentido teológico de uma canonização

## Registros

- 12 Cartas aos Jesuítas

## Tradição

- 14 Hino a São José de Anchieta

## Entrevista

- 15 Um jesuíta na formação do brasileiro

## Artes

- 17 Os primórdios do teatro brasileiro

## Cultura

- 18 Poema da Virgem

# Anchieta, o filme

Em 22 de junho de 1980, Anchieta foi beatificado, uma das etapas do processo de canonização. A PUC-Rio comemorou o fato a partir de 9 de junho de 1980, Dia Nacional de Anchieta, instituído em 1965 pelo Presidente Castelo Branco. Houve eventos artísticos e acadêmicos, entre eles, a exibição do filme de Paulo César Saraceni, *Anchieta, José do Brasil*.

Saraceni foi um dos propoñentes do Cinema Novo. Após o Golpe de 1964, e especialmente após o AI-5, o cinema sofreu com a Censura. Filmes foram impedidos de serem exibidos ou mutilados.

Em 1969, foi criada a Embrafilme, que financiava a produção nacional e tentava enquadrá-la às diretrizes do Governo Federal. Neste contexto, o filme-símbolo é “Independência ou Morte”, que reforçava a figura de Dom Pedro I como herói nacional, sempre em trajes militares. O filme foi sucesso de público e elogiado pelo Presidente Médici.

A Embrafilme criou uma verba específica para filmes históricos, cujos roteiros teriam que ser aprovados pelo MEC. A produção de “Anchieta”, iniciada em 1975, recebeu recursos superiores à média. A vida

do “Apóstolo do Brasil”, visto como construtor da nacionalidade e da integração harmônica entre brancos, negros e índios, era valorizada pelo regime.

Saraceni disse ter se inspirado em Dom Pedro Casaldáliga, ligado à Teologia da Libertação. Para o papel-título, escolheu Ney Latorraca, sucesso nas novelas da TV. Queria atrair o grande público, embora não fizesse concessões na linguagem cinematográfica: o filme tem 140 minutos, com longas cenas contemplativas, alegóricas e montagem não linear, características do Cinema Novo.

O filme não obteve o impacto esperado, nem apoio para sua divulgação: não era a “história como se queria”, era um Anchieta “catequizado pelos índios”, a inversão do papel do colonizador frente ao colonizado. Nas universidades, o filme foi discutido enquanto se iniciava o processo de redemocratização, com a Anistia e a reestruturação do sistema partidário.

Uma releitura do filme hoje permite identificar o que permanece e o que muda nas relações entre arte, Estado, história e construção de identidades, e entender o que significava a produção de um filme histórico naquele momento vivido pelo Brasil.



Cartaz do filme 'Anchieta, José do Brasil', lançado em 1978

Leia mais em [www.puc-rio.br/nucleodememoria](http://www.puc-rio.br/nucleodememoria)

## Artigo



# José de Anchieta: um ícone da evangelização

A canonização do Padre São José de Anchieta, missionário jesuíta, feita recentemente pelo Papa Francisco, é um reconhecimento histórico de um homem que deu a sua vida pelos valores e princípios do Evangelho, tão importantes no início do processo de miscigenação cultural de nossa nação. A sua visão missionária vai além de seu tempo, deixando um legado religioso e cultural para a história do Brasil, ainda hoje reconhecido por muitos intelectuais e historiadores de nosso país. É difícil, em poucas palavras, expressar a riqueza desse legado, sobretudo quando este se estende desde o campo da literatura, da poesia, da antropologia e dramaturgia, chegando até mesmo aos primórdios da biogeografia brasileira.

Sem nenhuma intenção de proselitismo, não podemos deixar de reconhecer a grande contribuição deste homem, considerado um ícone da evangelização nos primórdios das

raízes de nossa brasilidade. Estar ligado à fundação das duas maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro, não é algo trivial, pois isto supõe capacidade de dialogar, de aceitar diferenças, de ser inovador, de romper barreiras religiosas e culturais, de integrar culturas distintas e, extraordinariamente, de entregar sua vida por uma causa mais nobre, sem pretensões de poder, benefício próprio ou ambições econômicas. A maneira como Anchieta viveu e morreu aqui em nosso país é um testemunho inquestionável de alguém que procurou trabalhar e gastar a sua vida com gratuidade e simplicidade, sempre defendendo aqueles que sofriam os efeitos nefastos do processo colonizador, como os povos indígenas na sua época.

Além deste árduo trabalho de inculturação da fé, a sua contribuição literária foi fundamental, lançando as bases da arte da poesia lírica e épica no Brasil, além dos sermões, car-

tas e uma gramática tupi-guarani, a língua mais falada naquela época na costa do país.

Junto com outros que procuraram narrar em cartas os aspectos etnológicos, etológicos e históricos no início do processo de colonização, como Pero Vaz de Caminha, Pedro Lopes de Souza, Hans Staden, André de Thevet, Jean de Lery, Pedro de Guimarães Gândavo, entre outros, a carta escrita por José de Anchieta em 1560, documento pouco conhecido pelos brasileiros, têm um papel relevante para os primórdios da chamada biogeografia brasileira. Neste relato pré-biogeográfico, aparece a riqueza e o uso da biodiversidade pelos povos nativos, revelando também aspectos etológicos de alguns animais. O que chama a atenção é a preocupação de Anchieta em mostrar a visão integradora do homem com a fauna e com a flora, agregando informações sobre os fenômenos climáticos. A sua maneira holística em

olhar a realidade antropológica, etnológica, teológica e ambiental integradamente é, sem dúvida, uma referência para o nosso mundo atual, carente de uma visão mais sistêmica da realidade socioambiental.

Ao canonizar o Padre Anchieta, o Papa Francisco foi além dos milagres baseados apenas nas curas e nas graças alcançadas, mostrando que é preciso ver também o legado e a contribuição cultural que uma pessoa deixa na história de um país, sendo sempre estímulo às futuras gerações. Que o exemplo do Santo José de Anchieta nos estimule a buscar sempre a abertura e o diálogo com as diferentes culturas e religiões que fazem parte de nossa brasilidade, exercendo a solidariedade entre os povos, e mostrando o quanto temos que conhecer e aprender com esta rica biodiversidade de nosso país, mesmo sabendo que a mesma se encontra cada vez mais vulnerável pela exploração e destruição de nossos ecossistemas.

## Artigo



# Anchieta, missionário também com a pena

A multiplicidade de aspectos que encontramos na vida de Anchieta somente é comparável às múltiplas faces de um diamante: reflete a luz recebida e no-la devolve com toda a gama colorida do arco íris. A sua origem familiar une os dois extremos da Espanha: o país basco, extremo Norte da Península Ibérica – terra do seu pai – e as Ilhas Canárias, de frente às costas africanas, lar de sua mãe, a qual, por certo, para acrescentar mais um traço diferente, era descendente de judeus conversos, ou cristãos novos, como se dizia naquela época.

Uma segunda fonte de variedade está na sua formação. Até os catorze anos, na Ilha de Tenerife, consegue um domínio do latim que nos causa admiração. Depois, em Coimbra, não chega a completar o curso universitário. Enviado para o Brasil, será o mais extraordinário autodidata. Numa terra onde não existia uma única escola de Teologia, Anchieta consegue ser

um notável teólogo, ao mesmo tempo que um agudo observador da natureza e das populações da Terra de Santa Cruz.

Depois, será o maior catequista que já tivemos, mas também um excelente administrador, não só no Colégio de São Paulo de Piratininga, mas também como Superior Provincial de todos os jesuítas de nosso país. Igualmente, por força das circunstâncias, acabou sendo um grande professor, um fundador de confrarias e um magnífico enfermeiro.

Finalmente, ele foi um escritor poliglota e fecundo. Dominava quatro línguas e nas quatro nos deixou a sua variada produção literária. Em espanhol conservamos uma boa parte das cartas, com a primeira história natural do Brasil. Dominava tão bem o latim que o provincial que o precedeu encarregou-o de redigir naquela língua os longos relatórios que devia enviar a Roma, pois não havia um outro jesuíta tão capaz quanto ele. E, em latim, escreveu sobre as areias de Ubatuba, enquanto era refém dos Tamóios, o Poema a

Nossa Senhora, modelo de verso na língua do Lácio, assim como a obra um tanto adulatora *De Gestis Mendi de Sá* (As Façanhas de Mem de Sá). Com o seu raciocínio límpido, elaborou a primeira gramática da língua tupi (“a mais falada nas costas do Brasil”), contribuindo para o surgimento da “língua geral”, veículo de comunicação não só entre as diversas tribos indígenas, mas também entre índios e portugueses.

Mas Anchieta, mesmo literato, não esqueceu nunca que ele era, sobretudo, um missionário. As suas obras teatrais, que continuaram a ser representadas repetidamente mesmo após a sua morte, nos mostram essa ânsia de espalhar a boa nova. Nesses *autos sacramentais* se entrelaçam o espanhol, o português e o tupi e constituem uma espécie de catequese popular, facilmente compreensível para os mais simples. Talvez o melhor seja o Auto de São Maurício. Mas o Auto de Santa Isabel, escrito nos momentos em que já vislumbrava a morte, nos mostra essa ânsia missionária, incontida do Apóstolo do Brasil.

## Artigo



# Anchieta, a Companhia de Jesus e o Brasil

Ninguém poderia negar que José de Anchieta é uma referência indispensável e constitutiva para a história do Brasil. Junto com seus primeiros companheiros, ele é o elo que une a missão da Companhia de Jesus à gênese da identidade social e cultural do nosso país. Esse vínculo constitui um título de honra, mas também um desafio para a missão atual da Companhia no Brasil.

A canonização de Anchieta é, antes de tudo, um acontecimento eclesial. Por meio dele, a fé cristã reconhece o valor evangélico da vida e da missão deste grande jesuíta e sua atualidade inspiradora. Não só para a Igreja ou para a Companhia de Jesus, mas também para todos aqueles e aquelas que anseiam e estão comprometidos na construção de um Brasil melhor.

Para nós jesuítas, essa canonização tem lugar no momento preciso em que a Companhia de Jesus organiza sua missão no Brasil como uma unidade, tanto de estrutura quanto de

horizonte, a ‘Província do Brasil’. Após quase cinco séculos, estamos, hoje, portanto, muito próximos da realidade de Anchieta e seus companheiros, para os quais a missão era o Brasil, como uma totalidade em construção.

Um dos traços característicos da figura de Anchieta foi sempre a busca incessante da ‘união dos diversos’. Traço este que aparece de forma paradigmática na missão de São Paulo. O núcleo do que viria a ser a grande metrópole foi construído com persistência, num diálogo nem sempre pacífico entre os diversos atores: um ‘Colégio diferente’, com ensino do latim e as outras línguas, constituído por alunos portugueses, mamelucos e índios, com uma Igreja restaurada, afluxo crescente de colonos portugueses e catequese itinerante dos índios. Essa ‘união de diversos’ continua a ser o grande desafio e a enorme potencialidade para a construção social e eclesial do Brasil.

Em sintonia com essa ins-

piração, também nós, como jesuítas, experimentamos e estamos convencidos que a missão de anunciar a ‘boa nova’ do evangelho hoje, no Brasil, passa pelo encontro com o outro, pela acolhida do diferente, pelo respeito da alteridade. No trabalho de construção da nova ‘Província do Brasil’, descobrimos e aprendemos a conviver e dialogar com as diversidades regionais e culturais; a não fechar os olhos para novas fronteiras – humanas, culturais, e sociais – que desafiam nossa capacidade de abrir-nos para o desconhecido; a experimentar a riqueza dessa diversidade para a missão.

Passados mais de quatro séculos, essa diversidade representa ainda a grande riqueza e continua a ser o grande desafio do nosso país. O Brasil não pode ser compreendido sem um olhar atento a esta diversidade (regional, de culturas, de raças e etnias; social, religiosa, etc.) que constitui a fonte da sua riqueza humana e da criatividade cultural e social que lhe é reconhecida.

Para a Companhia de Jesus é um compromisso inadiável comprometer-se com a construção de um “projeto Brasil” que integre, de fato, essa diversidade, de modo que ela encontre, finalmente, seu lugar e seja reconhecida na construção comum do futuro.

Que São José de Anchieta nos ajude a transformar nossas fragilidades, pessoais e sociais, em força de comunhão que brota do conjunto das diferenças;

Que ele nos ensine a arte de acolher, respeitar e integrar as diferenças numa unidade maior;

Que ele abra nossos olhos para a realidade polivalente das nossas raízes culturais. Só tendo a coragem de entrar pelo caminho da convivência plural poderemos contribuir para a integração. É na convivência da pluralidade reconhecida que aprenderemos a recriar consensos. E, dessa forma, poderemos reinventar um futuro mais rico e mais justo, porque mais original e originário.

Artigo



# A Igreja no tempo de Anchieta



O Brasil nasceu como uma expansão civilizatória de Portugal na América. Era o tempo da cristandade, de união entre Igreja e Estado, cujo ideal era ter apenas um rei, uma fé e uma lei. Os monarcas eram sagrados nas catedrais, jurando defender a religião e a nação, e aplicar as leis. As terras recém-descobertas no caminho para as Índias foram partilhadas pelos reis ibéricos com o apoio da Igreja Católica. A colonização visava expandir simultaneamente a fé e os reinos católicos.

No tempo de Anchieta, a civilização luso-brasileira era apenas uma franja litorânea na rota comercial das índias, com povoações recentes, comércio de pau-brasil e engenhos de açúcar, que atraíam fazendeiros e a cobiça de piratas. A população indígena era estimada entre dois milhões e meio a quatro milhões e meio de habitantes, com centenas de etnias e línguas. As longas distâncias do território demoravam meses para serem percorridas, por mar ou por terra, em condições muito precárias. A penetração no interior só era possível com

a aliança dos indígenas que conheciam as rotas.

A Coroa portuguesa cobrava os impostos que se destinavam à Igreja, decidia sobre a criação de dioceses e paróquias, e aprovava as residências e as missões das ordens religiosas. No Brasil, foi criado o Bispado de Salvador. Os jesuítas tiveram uma rápida expansão, atendendo a índios e colonos com escolas, aldeias, capelas e residências. Em 1581, cerca de 70 jesuítas controlavam 140 estabelecimentos missionários. Outros 40 haviam morrido, atacados por piratas nas proximidades das Ilhas Canárias. Nessa mesma época se deu a união entre as coroas ibéricas, favorecendo a vinda de franciscanos, beneditinos e carmelitas ao Brasil.

Um dos grandes desafios missionários era a incorporação dos indígenas à Igreja. Os jesuítas toleravam a sua nudez, realizavam confissões por meio de intérpretes e incorporavam à liturgia cantos e danças dos índios. Isso causou fortes conflitos entre o primeiro bispo brasileiro, dom Pero Fernandes Sardinha, e o primeiro superior jesuíta no Brasil, padre Manuel da Nóbrega.

## Artigo



# Anchieta, o Brasil e a função catequista do seu teatro

O ptei por falar do Anchieta dramaturgo, por três razões principais: por achar que o melhor veículo para a persuasão é o teatro: alia ao poder do texto as inflexões da fala dos atores, a expressividade dos gestos, as vestes, os movimentos em cena, algum cenário, mesmo natural, enfim, todos os recursos da dramatização, possíveis já àquele tempo; pela ternura que demonstra por alguns de seus tipos, pela profunda religiosidade, pela utilização de processos vicentinos, dando-lhes o seu cunho profundamente pessoal, como, por exemplo, no tratamento dado aos diabos, personagens marcantes de seu teatro, aos quais deu nomes indígenas; enfim, por fazer de seu teatro a arma que brandia contra os vícios e os erros, o escudo com que tentava proteger aqueles a quem queria ensinar a doutrina e a moral cristãs. Foi sobretudo como dramaturgo que este sacerdote, sempre sobrecarregado de tra-

balho, mais de uma vez Superior e Provincial, catequista acima de tudo, achou tempo para cantar mais insistentemente o seu amor e a sua devoção a Deus e à Virgem Maria, entremeando os ensinamentos da fé e da virtude, *docens et delectans* (educando e deleitando) ou expôs os males da humanidade – sobretudo os da pequena humanidade com que convivia, feita de brancos e índios, criticados e louvados sem discriminação.

De cerca de 1561 até ao ano de sua morte, 1597, Anchieta escreveu 12 autos, dos quais ficaram textos completos ou fragmentários. Destes, dois são trilingues, quatro bilingues, os outros seis monolingues – três em tupi, dois em espanhol e um em português. O tupi está em oito autos, o português em sete e o espanhol em cinco. Das três línguas, o tupi é a mais empregada em número de autos e de versos. Isso se explica facilmente: os “atores” e os ouvintes eram predominantemente ín-

dios; a eles se dirigia em especial a mensagem do autor.

Como chegaram até nós esses textos? O padre Armandinho Cardoso, jesuíta, na apresentação do seu Teatro de Anchieta, de 1977, diz que dispôs de cópias fotográficas do Opúsculo Poético 24 do Arquivo Romano da Companhia de Jesus, trazidas para o Brasil por um padre da Companhia, e compulsou, em Roma, o próprio livro de Anchieta, podendo estudar como

se uniram seus caderninhos, autógrafos e apógrafos, em um volume. Em 1947, essas cópias tinham sido cedidas à tupinóloga Maria de Lourdes de Paula Martins, que, em 1954, editou a obra completa de Anchieta, traduzindo os textos tupis.



## Artigo



# A colonização e Anchieta

A Companhia de Jesus teve papel axial no processo de colonização da América portuguesa, pois, muito além da imagem clássica da catequese dos indígenas, os inicianos foram edificadores de suportes materiais para que o domínio luso se concretizasse. Com a construção de colégios que garantiam a formação de novos religiosos e a dos colonos, dos engenhos que permitiam a manutenção do projeto missionário e dos aldeamentos que eram espaços de convívio privilegiado com os índios, os religiosos ampliaram e consolidaram o território para a Coroa, além de auxiliarem na manutenção da própria vida colonial.

Mas a prática catequética e pedagógica também resultou em suportes materiais significativos, pois tanto as cartas que ajudavam no conhecimento e administração colonial, a produção de gramáticas e dicionários para as línguas nativas foram instrumentos poderosos no contato com os indígenas e consolidação das

referências europeias em solo americano. Nesse ponto, José de Anchieta é, talvez, o símbolo maior, pois foram dele as primeiras iniciativas e resultados, com seu esforço de sistematização da língua tupi-guarani que, ainda como manuscrito, circulou entre os missionários e foi, inclusive, utilizado na colonização espanhola, quando da constituição das Missões do Paraguai.

A produção de Anchieta, entretanto, não se destaca apenas pela primazia, pois sua obra ultrapassou a gramaticalização de uma língua desconhecida e alcançou a literatura, com a redação de poemas e peças teatrais, sendo as últimas importantes instrumentos evangelizadores entre os indígenas. Ontem, Anchieta se destacara entre os seus com seu compromisso e erudição, tendo atuado na América como missionário, reitor de Colégio e Provincial do Brasil. Hoje, se os historiadores da colonização geralmente contam com as fontes inicianas, José de Anchieta ainda se destaca pois abre o leque de possibilidades investigativas pelo volume e variedade de seus textos.

## Artigo



# José de Anchieta: o sentido teológico de uma canonização

O canário de ascendência judaico cristã nova José de Anchieta nem imaginava que tantos séculos depois de sua passagem pela \*terra brasilis\* seria objeto de tamanha atenção por parte da mídia e subiria aos altares como santo. Era bem jovem quando sentiu o chamado de Deus e entrou na Companhia de Jesus como irmão.

Chegou ao Brasil com 20 anos de idade. De suas mãos floresceu a cidade que hoje é a mais importante do país: São Paulo. Além disso, é de enorme importância sua atuação junto aos índios, aos quais cuidava não apenas de catequizar como também de defender dos abusos dos colonizadores portugueses, que muitas vezes os brutalizavam, escravizando-os e tomando-lhes as mulheres e filhos.

Também se destacou no campo das letras. Compôs a primeira gramática da língua

tupi que, na América Portuguesa, foi chamada de “língua geral” e se tornou o principal instrumento de comunicação entre europeus e nativos.

Sua canonização é o selo de sua vida, inteiramente dedicada a Deus e aos outros, em incansável doação e incessante trabalho. Canonizando Anchieta, a Igreja reconhece e proclama que aquele batizado, aquele cristão seguiu de muito perto as pegadas do Mestre e Senhor Jesus Cristo e por isso pode servir de testemunho e exemplo para todos os cristãos.

Ao mesmo tempo em que não hesita em denunciar e condenar pecados, a Igreja não faz o mesmo com pecadores, indivíduos que possam ser classificados como “perdidos” por seu comportamento negativo. Parte do princípio que por maior que seja o pecado, a graça de Deus o supera e pode salvar aquele que se distanciou do caminho da

verdade e do amor mesmo no último minuto de sua vida.

No entanto, após cuidadoso processo que pode durar anos – como foi o caso com Anchieta – a mesma Igreja se alegra em canonizar santos. É com júbilo que proclama que aquele ou aquela que é conduzido aos altares é como um farol que iluminará as vidas de seus irmãos e irmãs mostrando que na fragilidade humana o Espírito triunfa da argila e da fraqueza realizando coisas grandes que atestam a presença e a força de Deus.

Assim foi com José de Anchieta, que consentiu em que Deus se apossasse de toda a sua pessoa e dele fizesse um instrumento para a paz, a justiça e a verdade. O Brasil conta, pois, com mais um santo para o qual pode olhar para inspirar sua vida e ao qual pode pedir intercessão e ajuda.

São José de Anchieta, rogai por nós.

## Registros

## Cartas aos Jesuítas

“A história póstuma de José de Anchieta merece vir à luz. Reunir as suas cartas, seus escritos vários, em prosa e verso, é uma dívida que não admite mais moratória”

Introdução de Capistrano de Abreu

ANCHIETA, José de. Cartas: Informações, fragmentos históricos e sermões.

Editora Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo

“Prega o Padre Manoel da Nóbrega a miúdo em todas elas, ainda que com muito trabalho de sua pessoa por suas muitas e contínuas enfermidades que cada dia padece, se lhe vão acrescentando, ordenando-o assim a divina disposição, para maior merecimento seu. Esta quaresma esteve algum tempo em uma das povoações, que é a principal, chamada Santos, pregando três vezes em a semana e confessando muitos dos escravos por intérprete. E perseverou em este ministério até que mais não pôde, pondo sua alma por seus Irmãos, porque adoeceu tão gravemente que foi necessário traze-lo às costas até S. Vicente, à nossa Casa, por ele não poder vir por seus pés: a enfermidade é perigosa”.

Carta de Piratininga, 1562 - Referência ao padre Manoel da Nóbrega

“Desta maneira converteu hoje a Saulo, que foi grandíssimo e especialíssimo privilégio arrebatando-lhe a vontade e mudando-lhe o mal em bem sem ele poder a isto resistir...”.

Sermão da Conversão de São Paulo, 1568

“Há também outros animais do gênero anfíbio, chamados *capiyûára*, isto é, “que pastam ervas”, pouco diferentes dos porcos, de cor um tanto ruiva, com dentes como os da lebre, exceto os molares, dos quais alguns estão fixos na mandíbulas e outros no meio do céu da boca; não têm cauda, comem ervas, donde lhes provêm o nome; são próprios para se comer; domesticam-se e criam-se em casa como os cães: saem para pastar e voltam para casa por sim mesmos”.

Carta ao Padre Geral de São Vicente, 1560

“De maneira que os Índios me tinham muito crédito, máxime porque eu lhes ocorria as suas enfermidades, e como algum enfermava logo me chamavam, aos quais eu curava a uns com levantar a espinhela, a outros com sangrias e outras curas, segundo requeria sua doença, e com favor de Cristo Nosso Senhor achavam-se bem”.

Carta de São Vicente, 1565

“Deste, soube o Governador os projetos dos Franceses e com naus armadas veio combater a fortaleza. Daqui foi socorro em navios e canoas, e nós outros demos o costumado socorro de orações, além das particulares que fazia cada um: diziam-se cada dia umas litanias na Igreja, acabada a missa: também se mandou daqui um Padre, com o Irmão intérprete, a rogos do Governador, para que se ocupasse em confessar os soldados, e ensinar aos Índios que com eles haviam vindo. Voltou o Irmão mui doente de febres e câmeras de sangue, pelo muito trabalho e frio que sofreu, mas logo sarou pelo favor da Divina Bondade”.

Carta ao Padre Geral de São Vicente, 1560

“Também visitamos outros lugares de Portugueses e Índios semeando em todas as partes a palavra de Deus, a qual para que dê fruto abundante, roguem nossos Irmãos continuamente a Nosso Senhor, e tenham assídua memória de nós outros para que não deixemos de semear porque em seu tempo colheremos”.

Carta de Piratininga, 1556

## Vocação

# Santidade revelada desde jovem

Ericka Kellner

Colaboração de Fernando Loureiro

Um evangelizador jovial, terno e amigável. Padre César Augusto dos Santos, pesquisador responsável por organizar o processo de canonização de Anchieta dentro da Igreja Católica, considera que essas eram algumas das principais características do Apóstolo do Brasil. José de Anchieta, que demonstrou santidade desde cedo, chegou ao Brasil aos 19 anos e foi nomeado por padre Manuel da Nóbrega não apenas como mestre do colégio de Piratininga, mas também como mestre de seus companheiros. Um reflexo da vasta cultura e do espírito corajoso do jesuíta, que nasceu na Espanha, estudou em Portugal, mas viveu 44 anos no Brasil.

Padre César, que trabalha na Rádio Vaticano, em Roma, considera que a canonização do beato significa um reconhecimento da boa ação dos jesuítas.

– Simboliza a legitimação das nossas origens. Embora tenha havido alguns enganos, a

ação dos missionários foi uma ação correta. Os jesuítas preservaram o tupi, que é a língua dos indígenas. Anchieta ensinou escrita, a evangelização era de acordo com o modo de ser dos indígenas, ele foi conhecer a medicina desses povos. Tudo dentro da concepção da medicina, vamos chamar assim, indígena. Não foi uma imposição, mas uma encarnação dentro daquela realidade – afirma.

O pesquisador ressalta a habilidade do jesuíta em evangelizar os índios dentro da cultura nativa, com o cuidado de se adaptar aos costumes desses povos sem impor a cultura católica. Ao contrário de alguns colonizadores que queriam impor o cristianismo, o interesse de Anchieta, aponta padre Cesar, era levar o Evangelho de Jesus Cristo.

O pesquisador lembra do episódio em que Anchieta se ofereceu como refém e ficou dois meses em Iperoig, hoje Ubatuba, a fim de ajudar na pacificação dos tamoios. Segundo

padre César, isso faz com que o santo seja referência de como é possível enfrentar os desafios e não fugir a eles.

As cartas de Anchieta são apontadas pelo pesquisador como os documentos mais representativos do levantamento que realizou. Em uma delas, na qual descreve as características naturais da Capitania de São Vicente, Anchieta fala da fauna, flora, dos acidentes geográficos

e sobre o clima. Esses textos, escritos em maio de 1560, serviram de inspiração para a criação do dia 30 de maio como o Dia Nacional da Mata Atlântica.

– Anchieta deixou de ser da Companhia de Jesus, da Igreja e do Brasil. Ele é para todo mundo e isso a história mostra, as pessoas procuram. Por isso, faz sentido essa canonização e faz sentido nós desenvolvermos o conhecimento sobre Anchieta – afirma.

O Apóstolo do Brasil foi nomeado aos 19 anos mestre do colégio de Piratininga e dos demais os padres

Tradição

# Hino a São José de Anchieta

Missionário incansável, padre, amigo e irmão,  
Homem forte e valente, todo entregue à missão!  
Das Canárias ao Brasil há uma voz que se levanta:  
São José de Anchieta, tua vida nos encanta!

Anchieta, santo, missionário e intercessor!  
Vem nos ajudar a bem servir ao reino do Senhor! (bis)

A maior glória de Deus, a glória maior do povo!  
Literato e poeta, profeta de um mundo novo.  
Da Bahia a São Paulo há uma voz que se levanta:  
São José de Anchieta, tua arte nos encanta!

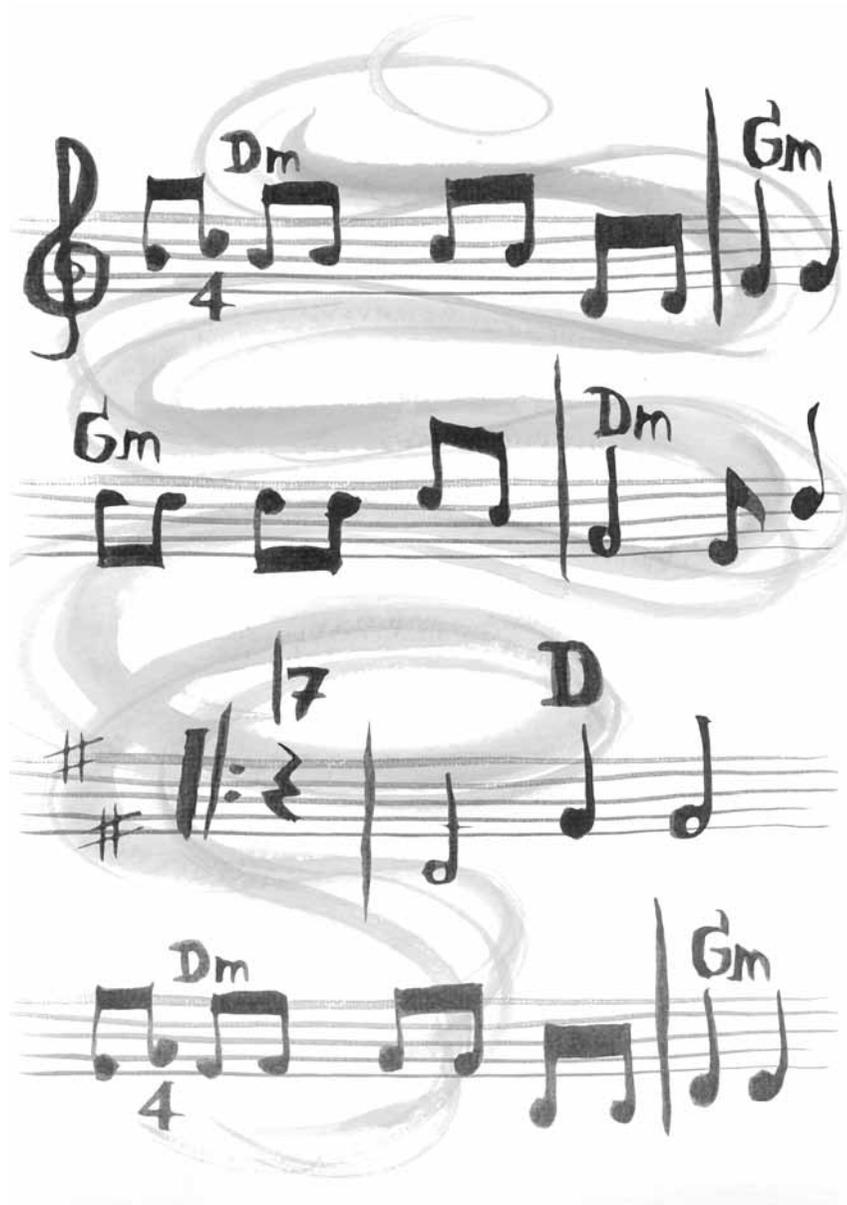
De cidades, fundador; toda a vida um louvor!  
És um exemplo de luta, com as armas do amor.  
Do Espírito Santo ao Rio há uma voz que se levanta:  
São José de Anchieta, tua força nos encanta!

Defensor do oprimido, dos pequenos e dos pobres:  
Índios, crianças e negros, preferência mais que nobre.  
Das matas, ruas e tribos há uma voz que se levanta:  
São José de Anchieta, teu amor nos encanta!

Companheiro de Jesus, devoto da Mãe Maria,  
Boa nova a tua vida, servindo com alegria.  
Do ventre da terra mãe há uma voz que se levanta:  
São José de Anchieta, testemunho que encanta!

Missionário incansável, padre, amigo e irmão,  
Homem forte e valente todo entregue à missão!  
Das Canárias ao Brasil há uma voz que se levanta:  
São José de Anchieta, tua vida nos encanta!

Anchieta, santo, missionário e intercessor!  
Vem nos ajudar a bem servir ao reino do Senhor!



## Entrevista

# Um jesuíta na formação do brasileiro

Padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., descreve a importância de José de Anchieta na história do país



Presidente da Mantenedora da PUC-Rio, padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J.

Gabriela Mattos  
Foto: Weiler Filho

**P**adre José de Anchieta foi beatificado, em 1980, pelo Papa João Paulo II e canonizado pelo Papa Francisco por meio de um decreto este ano. Padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., presidente da Associação Mantenedora da PUC-Rio, presidente da Fundação Padre Leonel Franca, explica que Padre Anchieta foi fundamental para a identidade do Brasil.

## Qual a importância da canonização de Anchieta?

Ele era um santo, fazia milagres. O Padre Anchieta é chamado de Apóstolo do Brasil, porque é a pessoa mais importante na formação católica do Brasil. Com ele, houve a evangelização dos primeiros habitantes do país. O Brasil era colônia de Portugal. O Papa Francisco sabia da importância de Anchieta e da sua

santidade e resolveu canonizá-lo; efetivamente Anchieta foi um poderoso taumaturgo, reconhecido como santo durante a sua vida. Normalmente, para o processo de canonização é preciso que a pessoa tenha feito dois milagres depois de morta. Durante a vida não vale. Havia vários milagres de Padre Anchieta, mas o processo de canonização foi bruscamente interrompido com a supressão dos jesuítas, pelo Marquês de Pombal.

## Ele foi fundamental para a cultura brasileira?

As raízes católicas no Brasil se devem principalmente a Anchieta, por isso ele é chamado de Apóstolo do Brasil. Os jesuítas tiveram uma função muito importante no Brasil colônia. Ele escreveu a gramática da língua tupi, compondo peças de teatro nesta língua: os índios se

encantavam com o teatro. Além do espanhol, sua língua materna, escreveu com perfeição em português, latim e tupi. Em latim, compôs duas obras magistrais: um poema sobre a Virgem Maria com mais de 4 mil versos e uma obra sobre os feitos do governador Mem de Sá. O poema sobre a Virgem foi escrito primeiramente nas areias da praia de Iperoig, quando era refém dos índios, para fixar a memória e rezar; foi passado para o papel alguns anos depois.

## Quais foram as outras contribuições de Anchieta?

Contribuições científicas. Ele era um observador da natureza. Escreveu, não tecnicamente, sobre a fauna e a flora. Foi o primeiro literato do Brasil, pois escreveu poesias, peças de teatro, e foi escritor e catequista. Ele tinha uma inteligência excepcional.

# Academia Fé e Razão: Patrono da presidência

Instituição foi criada em 9 de junho, data da morte do jesuíta que participou da fundação da Santa Casa de Misericórdia

■ Davi Barros

**E**m 9 de junho de 2011 foi fundada a Academia Fé e Razão. A escolha da data não foi à toa, é neste dia que a Igreja celebra a memória litúrgica de São José de Anchieta. Cada cadeira da Academia tem um patrono e o Apóstolo do Brasil foi escolhido para abençoar o lugar ocupado pelo padre Aníbal Gil Lopes, presidente da instituição.

Padre Aníbal conta que Anchieta foi escolhido como um dos patronos por ter participado da fundação do Rio de Ja-

neiro e da criação da Santa Casa de Misericórdia, instituição que serviu aos mais pobres, com alta eficiência, por vários séculos. O presidente ainda afirmou que o Santo serve de exemplo para os integrantes da Academia.

– Ele possuía uma educação altamente requintada para sua época e foi capaz de estabelecer o diálogo entre a fé e a razão através de sua ação missionária. Esta é a vocação da Academia: através do exercício da fé e da razão, ir ao encontro da sociedade que perdeu o sentido do divino e do próprio valor da vida – ressaltou.

Além da vocação para a evangelização, José Anchieta também escreveu peças de teatro, música e poesia. Segundo padre Aníbal, apesar da população brasileira não conhecer muito a obra de Anchieta, o Apóstolo do Brasil tem um trabalho reconhecido no campo das artes.

– Suas obras de teatro, música e poesia têm um único fim: anunciar os valores do Reino. Escritor fluente em espanhol, sua língua materna, latim, português e tupi, produziu extraordinária obra literária que

pode ser considerada expressão do que de melhor foi produzido em seu tempo – acrescentou o presidente da Academia.

Padre Aníbal lembra que Anchieta teve papel decisivo na criação e formação de identidade brasileira, chegou a arriscar a própria vida para garantir negociações entre portugueses e indígenas. O Presidente da Academia Fé e Razão observa que o jesuíta está intimamente ligado aos valores culturais do Brasil. Em uma época que poucos europeus possuíam acesso à educação básica, São José de Anchieta iniciou a criação de escolas no país. Ele levava filhos de índios para estudar com os filhos de colonos, para que eles pudessem aprender português, latim e outras matérias básicas.

– Isso tinha um valor não só cultural, como representava uma nova ordem social, que era semeada pelo trabalho evangelizador. Foi esse o motivo que levou às perseguições e expulsão dos jesuítas, não só do Brasil, como de Portugal e outras áreas da Europa, culminando, por um tempo, com a própria extinção da Ordem – disse padre Aníbal.

## Artes

# Os primórdios do teatro brasileiro

Mariana Sales

Foto: Weiler Filho

O teatro brasileiro surgiu com a Companhia de Jesus, em meados do século XVI, e teve como precursor Padre José de Anchieta. Por viver uma transição entre o período Medieval e o Renascimento, o jesuíta utilizou o teatro como instrumento para catequizar e educar os índios. Influenciado pelo dramaturgo Gil Vicente, Anchieta buscou o ideário medieval, com referência na Sagrada Escritura. A obra mais conhecida foi o *Auto de São Lourenço*, de 1587.

As produções teatrais de Padre Anchieta tiveram predominância no gênero Auto. Esse estilo apresenta, em diálogos, às vezes cantados, ensinamentos morais e personagens que representavam as virtudes e os pecados. Para a professora Miriam Sutter, do Departamento de Letras e Artes Cênicas, os autos de Anchieta apresentam dois aspectos: historicamente, remete ao período medieval, e estilisticamente, a forma como ele apresenta esse teatro.

De acordo com a professora, Anchieta inovou ao trabalhar com a língua e aspectos históricos. Todas as obras dele utilizavam três idiomas: português, tupi-guarani e castelhano. Para Miriam, essa característica literária é interessante, porque ele abandona a escrita em latim, que era a língua cultural durante a Idade Média.

– As peças eram escritas principalmente em tupi, e eram mais voltadas para os indígenas. Há peças em que ele mistura as línguas tupi, português e espanhol. Isso dá a ele um sabor literário, uma preocupação literária com o público.

A professora explica que Anchieta foi o primeiro a tratar desse gênero dramático. Miriam aponta que Anchieta não preservava somente a língua do público alvo, mas utilizava os mitos, as danças e as histórias indígenas.

Segundo a professora, ele proporcionou a criação de novas palavras e um trabalho com o imaginário dos índios.

– A prática de usar as crenças indígenas criou uma síntese de que o ideário não era somente cristão e indígena, mas um ideário de mito, analisa.

Obra de Anchieta preservava a língua do público-alvo e utilizava os mitos, as danças e as histórias indígenas



Professora Miriam Sutter

## Cultura

## Poema da Virgem

Trechos retirados do livro *Poema da Bemaventurada Virgem Mãe de Deus, Maria*.  
ANCHIETA, José de, 1534-1597, disponível na Biblioteca Central da PUC-Rio

**Dedicatória**

Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima,  
te prometi em voto,  
vendo-me cercado de feros inimigos.  
Enquanto entre os Tamoios conjurados,  
Pobre refém, tratava as suspiradas pazes,  
tua graça me acolheu  
em teu materno manto  
e teu poder me protegeu intactos corpo e alma.  
A inspiração do céu,  
eu muitas vezes desejei penar  
e cruelmente expirar em duros ferros.  
Mas sofreram merecida repulsa meus desejos:  
só a heróis  
compete tanta glória!

**Beleza, força e glória**

Salve, ó Maria! adorna-te beleza tão divina,  
que teu esplendor sobrepuja o dos coros angélicos.  
Salve ó Maria! Teu humano semblante é tão nobre,  
que sua formosura vence todas as belezas terrenas.  
Tu has de restaurar o firmamento,  
restituindo aos céus a primeira firmeza.  
Apoiada na força invencível de teu Filho,  
repararás com a nossa gente a ruína dos anjos.

**Tesouro do justo**

Bemaventurados aqueles,  
cujo peito e aspirações todas vai devorando  
o fogo do teu amor!  
Bemaventurado quem  
na solidão bendita de uma noite serena,  
de tanto te amar, em ti medita,  
e de tanto meditar mais te ama!  
Bemaventurado quem  
se assenta ao limiar de tua virgindade  
e vigia de contínuo às tuas portas.  
Quem no peito amante  
revolve as altas glórias de tua concepção,  
que é a porta de ouro de tua vida.  
Ele experimentará  
o carinho inefável do teu amor  
e envolverá num corpo casto uma alma pura.

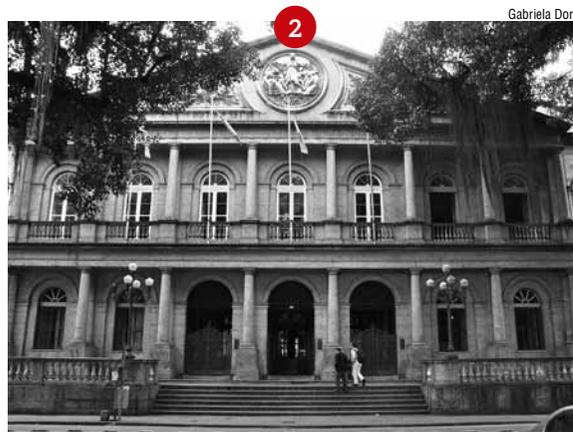
Imagens

# O nome de Anchieta por toda parte



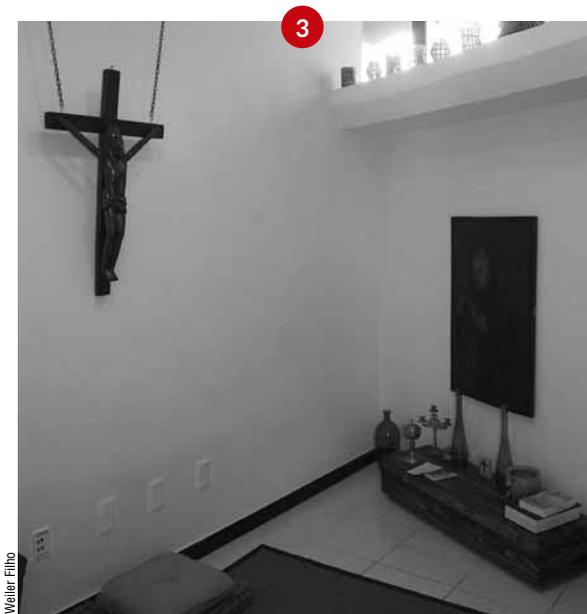
1

Gabriela Doria



2

Gabriela Doria



3

Welter Filho



4

Diego Roman



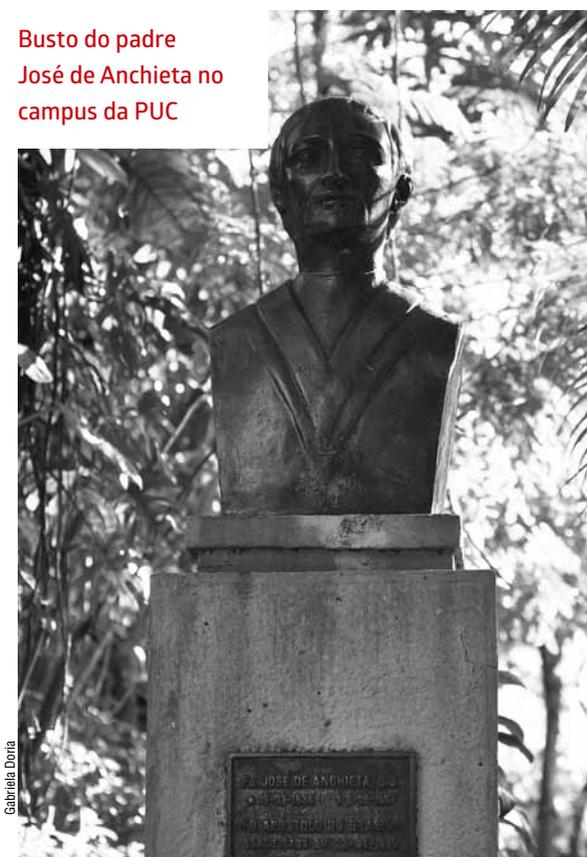
5

Camille Valbusa



6

Gabriela Doria



Busto do padre José de Anchieta no campus da PUC

Gabriela Doria

1. Casa de Retiros Padre Anchieta, localizada em São Conrado

2. Santa Casa de Misericórdia foi fundada com ajuda do jesuíta

3. Anchieta está presente no nome da Pastoral da PUC

4. Baía de Guanabara: local da luta de Anchieta contra os franceses

5. Auditório da PUC presta homenagem ao Apóstolo do Brasil

6. Santo é lembrado em rua do Leme, esquina com Avenida Atlântica

do redimi meus delictos Este será meu repouso minha casa